

A construção da figura de Carlos Chagas em revistas ilustradas após a descoberta do *Trypanosoma cruzi* (1909-1920)*

Leonardo Dallacqua de Carvalho**

Resumo. Este trabalho busca compreender a construção da imagem de Carlos Chagas após a descoberta do *Trypanosoma cruzi* em revistas ilustradas no Rio de Janeiro, entre os anos de 1909-1920. Com o olhar para as revistas *Fon-fon*, *Careta* e *Ilustração Brasileira* investigaremos o discurso produzido pelos semanários em vista do cientista e da descoberta. Por se tratarem de *magazines* que tem como características o humor, podemos abrir um espaço para reflexão de como se deu a construção e constituição de sua imagem.

Palavras-chave: Carlos Chagas; Revistas Ilustradas; História da Ciência; Divulgação Científica; História das Doenças.

The construction of the protagonist Carlos Chagas in illustrated newspapers after the discovery of *Trypanosoma cruzi* (1909-1920)

Abstract. The construction of the image of Carlos Chagas after the discovery of *Trypanosoma cruzi* in illustrated magazines in Rio de Janeiro between 1909 and 1920 is provided. The discourse of the magazines *Fon-fon*, *Careta* and *Ilustração Brasileira* is analyzed with regard to the Brazilian scientist and his discovery. Characterized by humor, the magazines are investigated with regard to the construction and the constitution of the scientist's image.

Keywords: Carlos Chagas; Illustrated newspapers; History of science; Scientific dissemination; History of diseases.

* Artigo recebido em 26/02/2015. Aprovado em 03/08/2015.

** Bolsista da Fundação Instituto Oswaldo Cruz e Doutorando no PPG em História das Ciências e da Saúde da Fiocruz, Rio de Janeiro/RJ, Brasil. E-mail: leo_gerrard@hotmail.com

La construcción de la figura de Carlos Chagas en revistas ilustradas después del descubrimiento del *Trypanosoma cruzi* (1909-1920)

Resumen. Este trabajo busca comprender la construcción de la imagen de Carlos Chagas después del descubrimiento del *Trypanosoma cruzi* en revistas ilustradas de Río de Janeiro, entre 1909 y 1920. Investigaremos el discurso producido sobre este científico y su hallazgo en los semanarios *Fon-fon*, *Careta* e *Ilustração Brasileira*. Tratándose de *magazines* que tienen características humorísticas, podemos abrir un espacio para la reflexión de cómo se dio la construcción y constitución de su imagen.

Palabras Clave: Carlos Chagas; Revistas Ilustradas; Historia de la Ciencia; Divulgación Científica; Historia de las Enfermedades.

1 Louros ao Brasil: aplausos para a medicina tropical.

O sentido de uma "construção" ou "fabricação" da imagem de um indivíduo histórico pode conter diversas finalidades. *A fabricação do rei* de Peter Burke (1994), pode ser tomado como um título auto explicativo à medida em que pensamos a fabricação da imagem pública de Luís XIV, o caricato Rei-Sol, na conjuntura da monarquia francesa no Setecentos. Semelhante análise da historiografia está na visão construída por seus contemporâneos de D. Pedro II, em *As Barbas do Imperador*, de Lília Schwarcz (1998, p. 26), ao sublinhar a força de sua figura dentro das situações antagônicas políticas e econômicas no Brasil, substancialmente em "uma intenção muitas vezes abertamente expressa de construção de uma representação de porte nacional". Em especial, nos debruçamos sobre a compreensão da construção que poder ser observada no brilhante livro de Nara Brito (1995) ao historicizar o processo de mitificação da figura de Oswaldo Cruz, sobretudo, na legitimidade do movimento sanitário e da sua personalidade como o "apóstolo da ciência". Respeitando textos e contextos distintos, pois essas construções passam por diferentes intencionalidades e

algumas comparações seriam irresponsáveis, nossa investigação apresenta Carlos Chagas em vida durante a edificação de um mito, mas também uma heroificação posta em xeque por parte de seus contemporâneos. De outro modo, enxergamos as rupturas e continuidades de um simbolismo em torno da sua imagem que ora o legitima, ora o contrapõe, dependendo do fenômeno científico ou político a ser analisado.

A descoberta da tripanossomíase, em 1909¹, esteve ligada a um movimento de caráter expedicionário científico de médicos que, a exemplo de Oswaldo Cruz e João Pedroso Barroso, ao constatarem as condições sanitárias do litoral do norte e nordeste do país em 1905, motivaram outros pesquisadores do Instituto de Manguinhos a viajar para o interior do Brasil. Neste quadro, como mostra Ilana Löwy (2006), Carlos Chagas, ainda em 1906, iria a Ipatinga, no Estado de São Paulo, para combater a malária que flagelava operários locais.² As idas aos "sertões" não são restringidas pela historiografia por um viés unicamente de médicos cientistas. Neste caso, as investidas da comissão liderada pelo coronel Cândido Mariano da Silva Rondon são amostras das intenções do governo brasileiro em estabelecer fronteiras, contatos com nativos e ligar por meio de linhas de telégrafos o território nacional (CASER; SÁ, 2011). Esta "integração nacional" passaria pelo mapeamento do território brasileiro, bem como o conhecimento científico do solo, doenças, entre outras (SÁ, 2009).

¹ A título de contextualização a historiadora Simone Kropf (2006, p. 15) explica: "Em abril de 1909, na pequena cidade de Lassance, Carlos Chagas, médico e pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz (IOC ou Instituto de Manguinhos), descrevera uma nova doença humana, o protozoário que a causava (uma nova espécie de tripanossoma, batizado então de *Trypanosoma cruzi*, em homenagem a Oswaldo Cruz) e o inseto que a transmitia, um percevejo popularmente conhecido como *barbeiro*, muito comum no interior das casas de pau-a-pique típicas de áreas rurais do Brasil".

² A autora faz referência a outras expedições científicas como a de Chagas e Belisário Penna em 1907, em Minas Gerais; Arthur Neiva no Nordeste; Oswaldo Cruz em Ribeirão das Lajes; Oswaldo Cruz e Belisário Penna na Amazônia, entre outras. Ver também: (SA, 2009, p. 183-203).

Entendemos a categoria de "sertão", em especial, envolvida em um processo político-social do século XX (AMADO, 1995; LIMA; VIEIRA, 2011; LIMA; HOCHMAN, 2000). Como expuseram Lima e Rangel Vieira (2011, p. 1):

A necessidade de incorporar e 'civilizar' os sertões do país permaneceu como questão para a intelectualidade e a elite política brasileira durante a República, o que fica demonstrado pelas expedições realizadas ao interior neste período. Estas expedições visavam implantar o aparato estatal nas regiões que ainda não haviam sido alcançadas pelos braços do governo, fosse delimitando fronteiras, instalando meios integrados de comunicação ou realizando pesquisas científicas. Inserem-se neste projeto, por exemplo, as viagens de Rondon (1915) e as expedições científicas promovidas pelo Instituto Oswaldo Cruz (CRUZ, 1910; 1913; CHAGAS, 1913; PENNA; NEIVA, 1916).

Assim, estas investidas estão pautadas também a aspectos nacionalistas e de identidade nacional na integração do "sertanejo" ou "caboclo" ao "progresso".³ Notadamente, as viagens científicas de profissionais ligados ao Instituto Oswaldo Cruz perpassa pela compreensão do conhecimento da área da medicina tropical que contribuiu para as investigações nessas expedições. A relação entre a medicina tropical de Patrick Manson e as investidas do Instituto Oswaldo Cruz neste campo, trouxe a possibilidade de uma agenda onde vetores, parasitas e doenças humanas entraram na pauta da produção do conhecimento (KROPF; SÁ, 2009). Ao passo que o governo brasileiro remava rumo à modernização dentro e fora dos grandes centros urbanos do início do século XX, era preciso ter atenção aos vetores que seriam uma das preocupações desse "Brasil desconhecido".

Estas inquietações, segundo Simone Kropf (2006), foram um dos cenários que contribuíram para a ida de Carlos Chagas ao norte de Minas Gerais, para combater uma epidemia de malária que grassava "o projeto que

³ Como salienta Nara Brito (1995, p. 9): "O mito do progresso social é uma crença constitutiva da institucionalização da atividade científica, pois gera valores positivos e justificativas necessárias à sua aceitação e ao apoio que a ciência exige para implantar-se e desenvolver-se".

pretendia integrar o sul ao norte do país com o prolongamento da Estrada de Ferro Central do Brasil (EFGB), do Rio até Belém do Pará" (KROPF, 2006, p. 87). Estacionado na cidade de Lassance e equipado de um pequeno laboratório, Chagas desenvolveu alguns estudos sobre os animais da fauna local. Foi neste lugar que se deparou com percevejo - barbeiro - que povoava em larga escala a comunidade que ali habitava. Motivado por sua curiosidade e seu conhecimento de medicina tropical e dos mais variados insetos resolveu examinar com mais cuidado o artrópode.

Kropf e Sá (2009) apontam que é apenas no ano de 1909 que seria anunciada a descoberta daquele protozoário denominado de *Trypanosoma Cruzi*, do qual seria transmitido por um hematófago e entraria em um dos maiores triunfos da medicina e ciência nacional, a doença de Chagas. Em 22 abril daquele ano, ela seria anunciada por Oswaldo Cruz e, posteriormente, estampada em diversos periódicos de circulação no Rio de Janeiro que trariam a informação da conquista científica nacional.

Em nossa primeira inquirição nos periódicos diários podemos notar que a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em sua edição de nº 113 do dia 23 de abril de 1909, apresentaria em sua primeira página a notícia sob o título de "Uma nova moléstia". Com o anúncio de Oswaldo Cruz na Academia Nacional de Medicina, a *Gazeta de Notícias* destacaria não unicamente o enunciado da descoberta e da comunicação de Oswaldo Cruz, mas a importância do achado.

Essa nova moléstia, completamente desconhecida do mundo médico, é uma 'trypanosomíase', produzida por um novo *Trypanosoma*, que o jovem e talentoso bacteriologista, como homenagem ao seu sábio mestre denominou 'trypanosoma Cruzi'. Essa moléstia é muito frequente no Estado de Minas, em que o povo confunde com a opilação (ancilostomíase), sendo, no entanto, como ficou evidenciado com os estudos do Dr. Carlos Chagas, uma moléstia inteiramente diversa, cujo cortejo symptomalógico (sic) lhe confere um lugar, à parte, na patologia intertropical.

Esses estudos de tão elevada importância, vêm também revolucionar a Ciência Médica, no que diz respeito aos Tripanosomas. É assim que, segundo a comunicação do nosso diretor de Saúde Pública, as ideias de Manson, Schaudinn e outros patologistas eminentes, ruíram por terra.

Aguardamos ansiosos as palavras do Dr. Carlos Chagas, para bem orientarmos o povo, no sentido de prevenir contra mais esse flagelo de sua saúde (GAZETA DE NOTÍCIAS, 23 abr. 1909, p. 1).

A fonte transparece alguns pontos contextuais que dão forma a nossa análise. Primeiro, as adjetivações iniciais do texto demonstram o respeito àqueles pesquisadores. O "talentoso bacteriologista" (Carlos Chagas) que homenageou seu "sábio mestre" (Oswaldo Cruz) com a descoberta, evidencia, portanto, o reconhecimento e consolidação dos pesquisadores nacionais do Instituto de Manguinhos. Em um segundo momento, a matéria apresenta a comparação de nossos pesquisadores com ícones da medicina mundial, como Patrick Manson e Fritz Richard Schaudinn, dos quais os médicos brasileiros fizeram "ruir por terra" as ideias destes e de outros patologistas eminentes. Por fim, a preocupação com saúde pública toma coro no discurso do jornal para prevenir os males que a "nova" moléstia poderia causar a saúde. Nesse sentido, vale destacar que o texto faz referência à ancilostomíase, conhecida no Brasil sob a alcunha de nomes como "opilação" ou "amarelão" (REY, 2001), que mediante a ausência precauções sanitárias (como não andar descalço) grassava em partes da população do país.

O *Correio da Manhã* de 23 de abril de 1909, estamparia também em sua primeira página a informação de "Uma grande descoberta médica". A notícia segue a linha argumentativa da *Gazeta de Notícias*, principalmente no que se refere ao enaltecimento dos envolvidos e da descoberta. Metade do informe é direcionada a explicar o que é, e quais as maneiras do ser humano ser contaminado pela doença. Para os fins de nossa pesquisa, os trechos a seguir contribuem para demonstrar a posição de respeito do contexto em que estavam Chagas, Oswaldo Cruz e a doença recém descoberta:

O valor da comunicação do Dr. Oswaldo Cruz resume-se nisto: a revelação de uma grande descoberta médica, que trouxe em consequência uma verdadeira revolução em biologia. [...] Foi esse fato biológico original, e extraordinário que os notáveis cientistas de Manguinhos pesquisaram com todo o carinho e máximo determinismo.

[...] Quer dizer: mais um grande triunfo para o grande triunfador que é o Dr. Oswaldo Cruz; mais um louro científico para a glória do Brasil (CORREIO DA MANHÃ, 23 abr. 1909, p. 1).

Uma nota inicial do *Correio da Manhã* que devemos levar em consideração é a ausência do nome de Carlos Chagas. Trata-se de uma comunicação de Oswaldo Cruz para o anúncio de uma nova moléstia, mas não há referências sobre o trabalho de campo, local ou de onde partiram as pesquisas que chegaram às conclusões científicas da comunicação de Oswaldo Cruz.

Se a *Gazeta de Notícias* pronunciaria que a descoberta fez "ruir por terra" as ideias de grandes nomes da ciência da época, o *Correio da Manhã* reforçará essa perspectiva escrevendo que tal evento constitui-se em uma "revolução em biologia". Ou seja, ambos os jornais perceberam logo após a divulgação dos dados da doença o peso que ela possuiria em termos de representação do conhecimento científico para o Brasil.

Os elogios e reconhecimento enquanto cientistas permanecem no *Correio da Manhã*. Ao notar que "foi esse fato biológico original, e extraordinário que os notáveis cientistas de Manguinhos pesquisaram com todo o carinho e máximo determinismo", identificamos o sentimento de proximidade e respeito com o trabalho científico de Manguinhos. As palavras como "carinho" e "máximo determinismo" apresentadas nas fontes demonstram o valor das adjetivações da época que enfatizavam a representação para a sociedade de que estes homens assumiriam forças além dos seus ofícios e, particularmente, fruto de um amor pela ciência. E mais que isso, assim como sublinhou Nara Brito (1995, p. 127), posicionamos o discurso enaltecedor ou mitológico das práticas científicas como um meio legitimador ao utilizar do "universo simbólico para

obter o convencimento necessário à sua institucionalização". É possível ainda visualizar uma tentativa de edificar esses cientistas como heróis nacionais. Por fim, encerrará consagrando Oswaldo Cruz com uma adjetivação peculiar, "um grande triunfo para o grande triunfador". Este seria para o periódico mais um louro científico de Oswaldo Cruz, um homem que deveria ser visto atrelado aos triunfos da ciência nacional e que novamente deixaria sua marca na saúde do Brasil.

O *Correio da Manhã* de 26 de abril de 1909, sob o título de "Boletim Científico", reservaria sua segunda página para expandir as novas informações sobre a moléstia. Diferentemente do número do dia 23 de abril de 1909, a nota trouxe outros acontecimentos científicos e da saúde pública do país - inclusive referente aos problemas de higiene e sanitarismo -, mas faz questão na sua introdução de destacar a descoberta, dessa vez, citando Carlos Chagas.

A nota do dia é o *Trypanosoma Cruzi*, descoberto pelo Dr. Carlos Chagas, do Instituto de Manguinhos, na última sessão, pelo Dr. Oswaldo Cruz.

O *Correio da Manhã* já deu, na edição de sexta-feira, pormenorizada notícia sobre o notável acontecimento. Não torna a ele o Boletim senão para ter a honra de registrar também, por conta própria, mais esse louro de que acaba de revestir-se o Instituto modelo, cuja direção se acha uma grande glória científica, não só para o Brasil, mas de todo o universo intelectual (CORREIO DA MANHÃ, 26 abr. 1909, p. 2).

Carlos Chagas, agora, aparece como figura representativa da descoberta da doença. O Instituto Manguinhos e Oswaldo Cruz estabelecem a ligação da ciência com a descoberta científica. Assim como o trabalho desses cientistas, a contribuição não se restringiria apenas para o Brasil, mas para todo o "universo intelectual". Oswaldo Cruz estaria comprometido a disseminar os achados de Carlos Chagas, pois a nova doença representou um esforço pessoal deste cientista para a legitimação do Instituto de Manguinhos e em ter o "IOC como instituição comprometida com os interesses da sociedade brasileira" (KROPF,

2009, p. 208). Sendo assim, a prática de divulgar e comunicar as sociedades de cada passo da então descoberta significava também consolidar o instituto e seus membros como representantes da saúde pública nacional. De toda forma, a doença de Chagas, como apontou Jaime Benchimol, traria consequências valiosas para o "patrimônio científico de Manguinhos" (1990, p. 42).

2 Carlos Chagas em (Re)vista: O Diretor de Saúde Pública e o cientista de Manguinhos

Luisa Massarani e colaboradoras, em *A ciência nas páginas da Folha do Norte: um olhar ao longo de oito décadas* (MASSARANI; SEIXAS; CARVALHO, 2013), propõem uma discussão metodológica da divulgação do conhecimento científico em torno da ciência e os canais de comunicação com a sociedade. Assim como defendem as autoras, há a constatação de que "há um número reduzido de estudos sobre a cobertura de ciência realizada por meios de comunicação de massa utilizando uma perspectiva diacrônica, especialmente no Brasil" (MASSARANI; SEIXAS; CARVALHO, p. 296-297)⁴, isso significa que perceber o discurso projetado nesses periódicos seja na *Folha do Norte* - como fizeram as pesquisadoras - ou nos jornais e *magazines* do Rio de Janeiro, representa um esforço em compreender o debate em volta da disseminação do conhecimento científico.

O estudo de Maria Antônia Pires de Almeida (2014) sobre epidemias em jornais de Portugal tem nossa atenção à medida que a autora investiga a maneira que o conhecimento científico é manejado por periódicos da época e transita com o seu receptor. Pela fonte da imprensa, Almeida conseguiu mapear o diálogo referente à cólera, peste, tifo, gripe e varíola, entre 1854-1918, e constatou a importância desse tipo de fonte na circulação da informação e implementação de ideias sanitárias, profilaxia e saúde, inclusive por meio de propagandas comerciais.

⁴Ver também (MASSARANI; MOREIRA, 2002).

Na tentativa de demonstrar a importância de abranger o material científico nos periódicos, Luiz Otávio Ferreira (1999) oferece uma justificativa pertinente ao nosso objetivo. O historiador, no trecho a seguir, demonstra como estes periódicos são, sobretudo, uma forma de diálogo e interdependência entre a ciência e a vida social, bem como um local de legitimação e expansão do conhecimento:

Essa intermediação pode ser constatada se considerarem os temas e os problemas privilegiados nas matérias publicadas, bem como sua relação com determinados interesses e valores sociais vigentes, o que, por si só, configura o modo pelo qual, os periódicos dão expressão à interdependência entre a ciência e outras esferas da vida social. O exercício dessa função é fundamental como estratégia de legitimação social, pois a ciência, como qualquer outra atividade social, também precisa conquistar uma audiência ampla, não restrita apenas aos especialistas de uma determinada área de conhecimento (FERREIRA, 1999, p. 331-351).

Após verificarmos essas fontes, nosso objetivo principal está em compreender a construção científica da doença de Chagas em três revistas ilustradas que circularam no Rio de Janeiro no período de 1909-1920, a saber, *Fon-fon*, *Careta* e *Ilustração Brasileira*. Nos meses de triagem, nos deparamos com pouco mais de 30 referências a Carlos Chagas, que variavam desde fotos ilustrativas, humor, propaganda, ou matérias relacionadas à sua ação como diretor de Manguinhos. O historiador, ao olhar para essas possibilidades de trato com as fontes de periódicos e ilustrações tem um novo caminho para investigar determinados atores históricos e seus diálogos e respostas da interação com a sociedade.

As revistas ilustradas obtiveram grande popularidade no início do século XX pela forma de intercâmbio com o seu leitor. Com a aposta do humor e a diversidade trouxeram em suas páginas um emaranhado de possibilidades em noticiar, emitir críticas e tratar dos espaços de sociabilidades. Caricaturas, fotografias, crônicas, piadas curtas, notícias

descritas - muitas vezes aliadas ao humor -, eram algumas das ferramentas convidativas para atrair o leitor.⁵

Foi nesta atmosfera de multiplicidades técnicas da imprensa brasileira⁶ que veremos nos primeiros raios do século XX o aparecimento de revistas ilustradas que sobreviveram e possuíram uma longevidade enquanto periódicos de variedades. Entre elas utilizamos como fonte a *Fon-fon* (1907-1945), *Careta* (1908-1960) e *Ilustração Brasileira* (1909-1915).⁷ Nestes periódicos, como notamos no desenvolvimento da pesquisa, além de seu caráter plural aliado ao humor, crônicas e fotografia, havia também o diálogo entre a notícia e o dia a dia dos problemas das grandes cidades, de situações políticas, sociais e econômicas ou mesmo de assuntos externos do país. Aliás, Maria de Lourdes Eleutério (2013) e Ilka Stern Cohen (2013) sublinham esta característica dos semanários do período que, somados a belas caricaturas e fotografias, também traziam temas mais árduos que orbitariam desde a falta de moradia até o embate entre pedestres e veículos à luz da modernidade.

Os três periódicos têm como característica em comum, o seu surgimento nos anos finais da primeira década do século XX. Esta é uma peculiaridade curiosa para a análise da construção da descoberta da doença de Chagas em um momento em que estes *magazines* ainda estavam engatinhando no cenário da imprensa. Outro ponto é a opção do recorte temporal. *Fon-fon* e *Careta* conservaram a periodicidade das suas aparições durante toda a década de 1910 enquanto a *Ilustração Brasileira* interrompe

⁵ Por sua vez, nesse rol de modernização, a fase da fotografia, como apontou Nelson Werneck Sodré, abriria ainda mais o leque de possibilidades de jornais, revistas, inclusive a de variedades (SODRÉ, 1999, p. 300).

⁶ As imagens que deram o tom estético e embelezaram estes semanários possuem suas raízes de modernização ainda no século XIX com a substituição da técnica de xilogravura pela litografia e, posteriormente, com a zincografia, a modernização da confecção dos impressos adequava conforme a necessidade para a produção serial de grandes tiragens (MARTINS, 2013, p. 72).

⁷ Estamos utilizando o recorte da primeira fase da revista.

suas atividades em 1915 e volta apenas em sua segunda fase no ano de 1920. Portanto, no que diz respeito a *Ilustração Brasileira* respeitaremos as publicações de sua primeira fase.

Pelo olhar de seus editores, o destaque de determinadas informações ou achados científicos em meio à pluralidade de assuntos que poderiam ser tratados em cada edição permite uma percepção da importância que aquela descoberta ou conhecimento traria ao leitor. Outros questionamentos podem sugerir as posições do próprio periódico enquanto o destaque que atribuiu a essas descobertas no campo da ciência. Em outras palavras, em quais localizações dentro dos periódicos isto foi inserido? Qual a relevância da informação ou o que ela passa? Se tratando de *magazines* que têm características humorísticas, qual o teor do humor em contraponto à disseminação científica? No que concerne à doença de Chagas e seu descobridor, como estes aparecem?

Por não tratarmos de revistas especializadas do meio da saúde ou mesmo de jornais que transitam diariamente, a quantidade de informação coletada nos *magazines* referente a Carlos Chagas e a doença são significantes, principalmente ao passo que estamos analisando revistas de cunho de variedades onde tudo e todos poderiam ser alvos de apropriações. Sendo assim, encontramos na revista *Careta*, 11 referências ao nome de Carlos Chagas; na *Fon-fon*, 16; e na *Ilustração Brasileira*, 4. Entre fotografias, notícias ou referências, Chagas nessa primeira década, após a divulgação da doença que leva seu nome, tem uma atenção significativa dessas revistas ilustradas enquanto personagem de destaque na ciência nacional. E este o viés que procuramos. Será que há alguma proximidade entre os discursos do *Correio da Manhã* e da *Gazeta de Notícias*, por exemplo, com os da *Careta*, *Fon-fon* e *Ilustração Brasileira*?

A prática de divulgação dos grandes feitos científicos não era algo raro no cenário nacional da imprensa brasileira. Dominichi Miranda de Sá (2006, p.115) traz para nossa investigação a constatação de que uma grande parcela

dos impressos periódicos que trafegavam pelo Rio de Janeiro dedicava em suas páginas "de modo a dar voz e a noticiar os feitos -científicos e institucionais", além disso, "interessava contar com a colaboração de todos os que estavam 'engrandecendo' o conhecimento do Brasil, de sua gente e de sua natureza".

Inicialmente destacamos o tipo de formato da informação encontrada nas fontes. *Fon-fon* e *Ilustração Brasileira* apresentam, em sua maioria, fotos e referências a Carlos Chagas. Contudo, na *Careta*, visualizamos além das imagens, textos e crônicas em menção direta a Chagas e o *Trypanosoma cruzi*. Devemos destacar que muitas imagens e informes estão direcionadas à figura de Chagas enquanto diretor do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) (1917) e diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) (1919) (KROPF, 2006).⁸ Portanto, estes acontecimentos em nosso período acarretam um destaque ainda maior à figura de Chagas enquanto personagem da saúde pública nacional e sua relação com a sociedade vitimada pelas mais diversas moléstias e problemas sanitários.

Particularmente a revista *Fon-fon* está recheada de citações textuais e imagéticas dos contornos de Chagas e sua ação na saúde pública. São aproximadamente nove referências entre os anos de 1917 a 1920 da posição de Chagas à frente ou na direção do IOC ou do DNSP. Entre elas, na edição 2 de

⁸ Sobre a atuação de Carlos Chagas no DNSP, diz Kropf (2006, p. 206): "Da administração de Chagas no DNSP, que se estenderia até 1926, destaca-se a criação de um complexo e extenso Código Sanitário, que organizava e modernizava a legislação sanitária brasileira. Outra inovação foi a extensão das ações sanitárias, até então concentradas nas áreas urbanas, ao interior do país, com o objetivo de promover, em especial, o combate as endemias rurais. Com este objetivo, Penna assumiu a então criada Diretoria de Saneamento e Profilaxia Rural. Chagas contou, para isso, com a decisiva atuação do International Health Board (IHB) da Fundação Rockefeller, que, tendo enviado uma primeira comissão ao país em 1915, criaria, a partir de então, postos de profilaxia de ancilostomose e a de febre amarela em vários Estados brasileiros e, em 1923, firmaria um acordo de cooperação com o DNSP para ampliar esta atuação. Os cuidados com a maternidade e a infância, a assistência hospitalar e o combate à tuberculose, sífilis e lepra foram também contemplados com a criação de órgãos e instituições especializadas. Outro aspecto importante da administração de Chagas foi o investimento na formação de profissionais especializados no campo da saúde pública, para o qual também contou com a colaboração da Fundação Rockefeller".

novembro de 1918, a matéria centraliza o Dr. Carlos Chagas juntamente com o presidente Venceslau Brás. No texto que segue, os elogios⁹ quanto a ação na saúde pública transparecem: "Também ao Dr. Carlos Chagas, o sábio diretor do Instituto Oswaldo Cruz, cabe aqui uma referência especial pela maneira enérgica e pronta com que organizou os postos médicos de socorro, que tem sido, sem a menor dúvida, o melhor contingente na luta contra a peste" (FON-FON, 2 nov. 1918). Na mesma edição, uma série de quadros mostraria a ação de Carlos Chagas na condição de "Diretor do Instituto Oswaldo Cruz".

Novamente notamos a presença de Carlos Chagas visto como um paladino da saúde pública. "Sábio diretor", "maneira enérgica e pronta", "o melhor contingente na luta contra a peste", são frases que corroboram a confiança no cientista enquanto administrador das epidemias e pandemias. Como sublinhou Nara Azevedo Brito (1997), mediante a gripe que se expandia na população carioca, coube a Chagas cuidar de postos de socorro improvisados que iam desde fábricas até repartições públicas. Sendo assim, a revista *Fon-fon* admitia a crença de que o cientista fosse capaz de assumir as rédeas do controle da gripe espanhola. Simone Kropf retrata em seu trabalho que essa imagem de herói se consolidou, pois "em fins de 1918, foi aclamado herói pela imprensa por sua dedicação ao combate à epidemia de gripe espanhola".

A *Careta* também iria contribuir para a construção da figura de Chagas no controle da gripe. Em 9 de novembro de 1918, Chagas aparece no posto de Meyer, juntamente com o presidente da república Venceslau Brás, dando-lhe "Informações sobre a marcha da epidemia" (CARETA, 9 nov. 1918). Na edição seguinte, de 16 de novembro de 1918, Chagas mais uma vez

⁹ A gripe espanhola chega ao Brasil em meados de 1918 e trouxe medo e pânico. Para se ter uma ideia da dimensão da virulência e preocupações por parte do Estado, Liana Bertucci (2009, p. 460) sublinha que no "Rio de Janeiro, o número de doentes registrados saltou de 440, dia 10 de outubro, para cerca de 20 mil quatro dias depois". O termo "peste" usado por Venceslau Brás parece dizer respeito a gripe espanhola no sentido de repúdio da doença. Ele não estaria se referindo a outras doenças que levariam o mesmo termo como a peste bubônica ou a peste branca (tuberculose), ao menos nesse caso em especial.

estaria em um posto, agora indo "a distribuição de socorro do Braz da Pina", onde ocupando a frente de uma fila de dezenas de cidadãos figuraria entre o Dr. Gastão Figueiredo (Chefe do posto) e Dr. Bernardo Figueiredo (CARETA, 16 nov. 1918).

Porém, se a visão de Chagas parece intocada pela sua ação no combate à gripe e seu histórico como cientista brasileiro, ela não sugere uma unanimidade. Foi o que encontramos na edição de 4 de dezembro de 1920, da *Careta*, onde em uma das crônicas o autor, que assinaria sob o pseudônimo de L. B., faria uma crítica incisiva as normas recomendadas por higienistas, mas sobretudo, referente a postura de Chagas. O excerto é longo, mas necessário:

Os tais higienistas.

Queria escrever uma longa carta ao Exmo. Sr. Dr. Carlos Chagas sobre a sua Saúde Pública e o draconiano regulamento que S. Ex^a acaba de extorquir dos poderes da República.

Há muitas presunções profissionais. Há a presunção literária, que é ridícula; há a militar, que é odiosa; há a médica que é de uma lamentável estreiteza; e muitas outras, porque cada profissão tem a sua presunção e se julga como a dominadora de todas as outras, sem perceber que todas os ofícios se entrelaçam e a nossa sociedade é uma rede de artes e mésteres, todos eles necessários a ela.

O Sr. Chagas é o mais alto representante da presunção médica.

Ele julga que, se há tuberculose, é porque não se decreta tal e qual lei e não se põe a sua execução nas mãos dele e dos seus colegas; se há opilação é porque não se açoita o sujeito que anda descalço e não se fuzila o que não constrói sépticos nos fundos do seu "tejupar" ou coisa que o valha; e, assim, por diante.

Todos os males da humanidade estariam curados se ela fosse governada por ditadores médicos, auxiliares acadêmicos, mata-mosquitos, etc, etc.

O equilíbrio de outras condições da vida atual com as necessidades da higiene, ele não vê.

Não vê que é preciso dinheiro para se ter boa alimentação, vestuário e domicílio, condições primordiais da mais elementar higiene; entretanto, por isto ou por aquilo, a maioria da população do Brasil se debate na maior miséria, luta com as maiores necessidades, não podendo obter aqueles elementos de vida senão precariamente, mesmo assim custando-lhe os olhos da cara.

S. Ex^a antes de expedir regulamentos minuciosos sobre tantos atos da nossa vida doméstica, devia ter o cuidado de facultar-nos os meios de realizar as suas exigências.

O que há em S. Ex^a, é o que há em todos de sua categoria: S. Ex^a nunca conheceu necessidades e afere a vida dos outros pela sua, feliz e rica.

Por falar nisto, lembro aqui um caso.

Quando morreu o professor Francisco de Castro, suspeitou-se que houvesse sido de peste, que reinava entre nós naquele tempo.

Os médicos da Saúde Pública quiseram verificar a coisa; mas a camarilha do Dr. Castro, à cuja frente se achava o Sr. Azevedo Sodré, se opôs violentamente que eles cumprissem o seu dever. Chico de Castro não podia morrer de peste bubônica...

São assim os nossos ferrabrases de higienistas à prussiana: dois pesos e duas medidas (CARETA, 4 dez. 1920).

O autor da crônica certamente estava descontente com o rumo que o movimento sanitarista tomara no país. Como explica Kropf (2006), com o advento de Epitácio Pessoa como Presidente da República (1919-1922), a reforma sanitária foi colocada como uma prioridade de seu governo. Em suma, para a autora, o movimento sanitarista teria suas ações ampliadas como "a intervenção e a regulação do governo central da saúde pública e contrapondo-se ao modelo descentralizado baseado na autonomia dos Estados, vigente até então" (KROPF, 2006, p. 196).

Quem se pautar apenas na crônica de L. B., provavelmente reconhecerá na figura de Chagas um "ditador do sanitarismo", ou que ele foi responsável por ações draconianas por gosto próprio. O contexto do momento requer outra interpretação. Talvez, o autor quisesse centrar toda a trama política que envolvia a questão da reforma sanitarista na figura de Chagas, que sempre pairava uma atmosfera positiva. Contudo, ao delimitar "ele e seus colegas" e reduzi-lo a um "medico presunçoso", tentaria ferir questões que envolviam não apenas o âmbito médico, mas o político.

Sobre isso, em *A Era do Saneamento*, de Gilberto Hochman (1998), o autor esclarece como o debate em torno da responsabilidade do Estado brasileiro na saúde pública antecedia os anos de 1920 ou a manifestação da gripe espanhola. A questão custava caro ao discurso médico e ao Estado há algum tempo. O discurso de que o Brasil era um "país doente e um Estado ausente" (HOCHMAN, 1998, p. 95) efervesceu os ânimos políticos em torno dos anos iniciais do século XX sobre a função do Estado e a autonomia dos municípios em relação ao controle das doenças. Esta reflexão tem seus contornos no contexto de reformas sanitárias e de combates a doenças com interações entre governos estaduais e o Governo Federal, pois era preciso mudar a feição do país na caracterização do país como sendo um "imenso hospital".¹⁰ Entre as propostas e ações para a transformação desse cenário, chama atenção o Regulamento Sanitário de 1920, promulgado por Epitácio Pessoa e elaborado sob a direção de Chagas (ANTUNES, 1999). Além das centralizações de poder, destacaria a vigilância constante para doenças - como as venéreas, entre elas, a sífilis (CARRARA, 1996). Além disso, a vida privada passaria a ser um dos focos do combate as mais diversas moléstias que grassavam na população. Parte dessa discussão entre Autoridade *versus* Saúde Pública pode ser visualizada em edição de *O Paiz*, de 12 de fevereiro de 1920:

Entretanto, em se tratando da possibilidade de uma crise sanitária, que exija medidas excepcionais, na ação da autoridade encarregada da defesa da saúde pública depende, em parte, da cooperação de outros ramos da administração e, sobretudo, da polícia. Este aspecto da questão oferece interesse especial, diante da entrevista do Sr. chefe de polícia, a quem acima nos referimos de passagem. Não pode deixar de causar uma impressão de surpresa pouco tranquilizadora a maneira, como o chefe da segurança

¹⁰ Termo utilizado pelo médico Miguel Pereira, em 1916, durante um jantar em homenagem a Carlos Chagas. A comemoração para Chagas "Exaltavam as suas qualidades de médico, bacteriologista e descobridor da tripanossomíase americana" (BRITO, 1995, p. 26). Mais adiante trabalharemos com o contexto desse evento em nossas fontes.

pública da cidade se mostra pouco confiante na sua capacidade para executar certas providências, que, por ventura fossem julgadas necessárias pela autoridade sanitária. [...] E num momento, em que podem surgir situações sanitárias, que tornem imprescindíveis providências de excepcional energia, o ponto de vista, em que se coloca o Sr. chefe de polícia constitui uma complicação adicional de que não se deve esquecer o ilustre médico, a quem foi confiada a direção de saúde pública (O PAIZ, 12 fev. 1920).

Diante deste quadro, a crítica na *Careta* feita por L. B., recaía na convergência de um apoio autoritário e, conseqüentemente, transposto para a figura de Chagas sobre como seriam as diretrizes do regulamento sanitário em vista desse sanitarismo almejado. Na visão do autor, as autoridades políticas e sanitaristas não entendiam que o problema estaria na falta de condições de todas as ordens - material, financeira, educacional - do povo e, por isso, a dificuldade de medidas profiláticas não estariam na ordem do dia. Assim, muitas das críticas a Chagas iriam ser direcionadas em sua figura como elemento público-político nas tomadas de decisão de questões de saúde pública. Podemos supor pela sua posição em cargos como a direção do IOC e do DNSP, o ilustre emblema do cientista cheia de louros tenha também dividido espaço com a de um homem da cena política nacional.

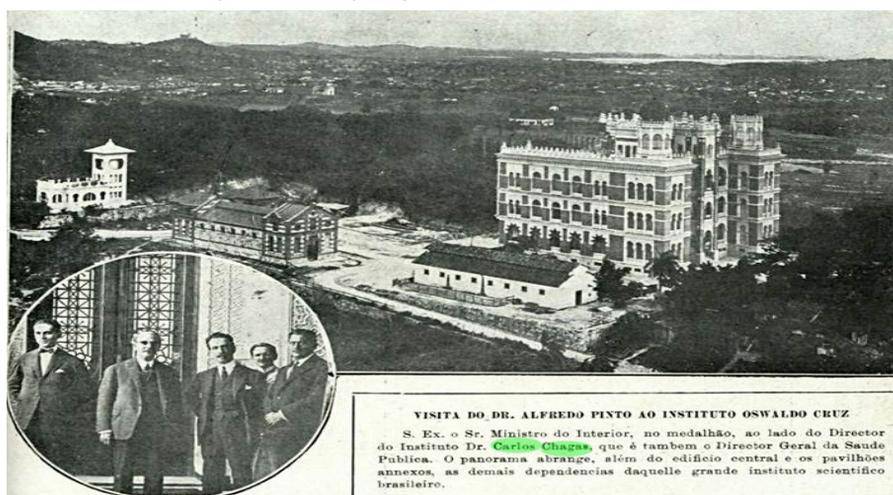
Não devemos esquecer que Carlos Chagas nutria animosidade por parte daqueles que ambicionavam ocupar o lugar na direção do Instituto. Sendo o escolhido por Oswaldo Cruz, sua imagem obteve um desgaste com as críticas de Figueiredo de Vasconcelos e Antônio Cardoso Fontes que desejavam ocupar o cargo ou daqueles que contestavam o método de escolha do novo diretor. Como mostrou Nara Brito "os conflitos continuaram envolvendo Carlos Chagas, que atraiu contra si uma forte oposição, resistente a subordina-se à sua liderança (BRITO, 1995, p. 63).

Figura 1 - A Gripe nos subúrbios: Distribuição de socorro aos pobres de Braz de Pina. Dr. Gastão Figueiredo (Chefe do posto), Dr. Carlos Chagas e Dr. Bernardo Figueiredo.



Fonte: (CARETA, 16 nov. 1918).

Figura 2 - Visita do Dr. Alfredo Pinto ao Instituto Oswaldo Cruz. S. Ex. o Sr. Ministro do Interior, no medalhão, ao lado do Diretor do Instituto Dr. Carlos Chagas, que é também Diretor Geral de Saúde Pública. O panorama abrange, além do edifício central e os pavilhões anexos, as demais dependências daquele grande instituto científico brasileiro.



Fonte: (FON-FON, 21 fev. 1920).

Enquanto cientista, principalmente nos primeiros anos após a descoberta da moléstia encontrada em Lassance, as fontes dos *magazines* sobressaem sua imagem como uma espécie de herói nacional. Longe das críticas pelas ações na saúde pública que viriam mais tarde, o momento de êxtase da descoberta da doença de Chagas avolumava-se nos periódicos.

Na *Ilustração Brasileira* de 16 de agosto de 1911, o periódico traz uma foto da Academia Nacional de Medicina, em que são apresentados "Aspectos do salão durante a conferência realizada pelo Dr. Carlos Chagas, sobre a nova moléstia causada pelo inseto 'barbeiro'" (ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, 16 ago. 1911). O salão repleto com dezenas de pessoas enfatiza a importância e a curiosidade em torno das palestras sobre a doença de Chagas. A mesma foto estamparia uma semana antes, a *Careta* de 12 de agosto de 1911.¹¹

Em outra edição, de 1 de julho de 1914, a figura de Chagas estaria em uma matéria especial sobre o Instituto Oswaldo Cruz. A notícia traria os avanços do IOC em sua trajetória, destacando o laboratório de Oswaldo Cruz, o famoso castelo, o biotério, entre outros. Chagas apareceria em uma das páginas centralizado e de perfil, sob a descrição "Dr. Carlos Chagas, descobridor da moléstia do 'Barbeiro'" (ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, 1 JUL. 1914). Ou seja, em torno de toda aquela aura positiva de Manguinhos, ele era mais um elemento a ser mencionado como parte da conjuntura.

Outros momentos fotográficos são amostras para entendermos esta constituição da figura de Chagas. Em um deles, a foto se encontra na *Fon-fon* de 28 de outubro de 1916, sob o título de "Notas Médicas", com a legenda: "Grupo tirado do Restaurant Assyrio, após o banquete oferecido pelas mais

¹¹ Segue a legenda: "Em sessão presidida pelo Dr. Rivadavia Corrêa, e a qual assistiram os Srs. Drs. Francisco Salles, Pedro Tolero, Belisario Tavora, o grande sábio Dr. Carlos Chagas apresenta as provas práticas da descoberta da 'doença de Chagas' a schizotrypanose. Os característicos dessa doença, que devasta os sertões, são: - papo, expressão de imbecilidade, incapacidade para o trabalho, afecções cardíacas, paralisção do desenvolvimento psíquico" (CARETA, 12 ago. 1911).

elevadas personalidades da classe médica ao Dr. Carlos Chagas (o 5º a partir da esquerda, sentado)" (FON-FON, 28 out. 1916). O retrato tem pouco mais de 40 homens, médicos, onde a única indicação de referência é Carlos Chagas. Além do prestígio de um "banquete oferecido pelas elevadas personalidades da classe médica", Chagas é o único mencionado nominalmente. Por si só, o evento estampado nas páginas da revista demonstra a interação de sociabilidade entre Chagas e os pares, e o *status* que ele assumia na classe médica. Em outra ocasião, agora na *Careta*, Chagas figuraria entre a turma de estudantes que terminaria um curso no ano de 1918-1919 (CARETA, 16 ago. 1919)¹², o que imaginamos o quão deveria ser prestigioso para aqueles alunos estarem ao lado de um dos maiores nomes da ciência médica da contemporaneidade do país e o sucessor no IOC de Oswaldo Cruz.

Entre os momentos que consagraram não somente Carlos Chagas, mas o sucesso da medicinal tropical, foi ainda em 1911, na cidade de Dresden, na Alemanha. Em uma exposição sobre a doença de Chagas, o público presente ficaria fascinado e curioso pela descoberta e as questões médicas que a envolviam. Uma evidência da atmosfera de repercussão mundial sobre o caso e sua importância no meio especializado viria no ano seguinte ao receber a principal premiação internacional na área de protozoologia. Assim, em 1912, Chagas recebeu o "[...] prêmio Schaudinn, concedido de quatro em quatro anos, pelo Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo ao melhor trabalho em protozoologia" (KROPF, 2006, p. 94; Ver ainda COUTINHO, 1999). O episódio da medalha foi lembrado pela *Careta*, em 6 de julho de 1912:

O Dr. Carlos Chagas, o grande médico a cujos acrisolados estudos a humanidade deve assombrosas descobertas, acaba de ser distinguido, pelo parecer de uma assembléia de sábios reunidos em Hamburgo, com a medalha Schaudinn. O sábio deste nome foi o fundador da moderna protozoologia e depois de sua morte os seus discípulos deliberaram fundar uma medalha

¹² A fonte não apresenta referências de que categoria seria esse curso.

que o relembresse, premiando, de quatro em quatro anos, o sábio que mais valiosas descobertas tivesse feito no departamento da ciência cultivado por aquele exímio professor (CARETA, 6 jul. 1912).

O excerto é revelador para mediarmos o respeito e admiração que detinha a imagem de Chagas enquanto cientista e descobridor de uma doença. Entre tantos adjetivos podemos destacar a palavra "sábio" que aparece três vezes no texto em momentos distintos. A primeira em alusão aos intelectuais reunidos na Alemanha; depois para Fritz Schaudinn, o cientista que teria o nome homenageado no prêmio por suas contribuições na protozoologia; e por último o vencedor de tal conquista, que, nesse caso, foi Carlos Chagas. Assim, Chagas estaria entre as referências mundiais na importância enquanto pesquisador da sua área. Outras palavras confirmam a força em que a *Careta* enfatizava na questão, principalmente ao dizer que os estudos do cientista brasileiro significam uma "assombrosa descoberta". Tendo em vista que a informação da premiação se resume apenas nesse parágrafo no *magazine*, os termos empregados para Chagas, a descoberta e a medalha evidenciam uma postura de reconhecimento de um intelectual nacional frente uma medicina mundial.

Três meses depois, em 19 de outubro de 1912, a revista ilustrada trouxe uma nova matéria em seu número. Dessa vez mais completa - inclusive com uma caricatura -, estaria em maior evidência na página:

Dr. Carlos Chagas.

O Dr. Carlos Chagas, do nosso nacional Instituto de Manguinhos, é o benemérito descobridor da moléstia que recebeu o seu nome na pia batismal da ciência.

A doença de Chagas, a tireoidite e parasitaria, atacando a quinta parte das nossas indolentes populações sertanejas, transmitida pelo abundante inseto denominado barbeiro, atrofia a glândula tireóide e produz, além de outros muitos males, o papo, o idiotismo, a desvirilização(sic), a paralisia geral.

O grande cientista, com a tenacidade modesta peculiar aos sábios, descobriu as causas e os meios de transmissão, o

desenvolvimento e as modalidades, os efeitos e as consequências, bem como o tratamento dessa, em verdade, terrível moléstia.

Enquanto, por entre alas de povo deslumbrado, os generais, fulgurando na pompa dos seus uniformes exercitam as guapas hostes destinadas ao serviço patriótico da morte, e os artistas recebem retumbantes aplausos e todos, alegres ou tristes, somos vistos no turbilhão ondeante da vida, o homem de ciência, olvidado e invisível, trabalha em silêncio obscuro; jamais a sua glória se reveste de aspectos brilhantes e nunca proclamada com entusiasmo no delírio das expansões populares, e quando, por ventura, o êxito completo não é o remate das suas pesquisas, o sábio desaparece do mundo sem que ao coração dos homens chegue o conhecimento de seus longos esforços improficuos. Sábio, merecedor de todas as glorificações, o benemérito Dr. Carlos Chagas continua a ser um distinto moço obscuro (CARETA, 19 out. 1912).

Na edição de outubro, o texto é quase uma ode a Carlos Chagas. O primeiro ponto a ser sublinhado é o termo quase poético para se referir à descoberta da moléstia, onde teria sido recebida na "pia batismal da ciência". A frase induz a algo que lembre o sagrado religioso, um elogio considerável para um cientista que é citado como "sábio", "merecedor de glorificações" ou o "benemérito". O elemento religioso é visto como uma retórica presente na época, o próprio Oswaldo Cruz, após a sua morte, não raramente era concatenado com Jesus Cristo (BRITO, 1995, p.115).

O segundo momento do texto, a revista traz informações do quadro nosológico da doença de Chagas conhecida no ano de 1912. A controvérsia em torno dos sintomas e sinais clínicos da enfermidade será uma das marcas dos conflitos dentro da medicina das décadas seguintes. O "papo", que seria uma hipertrofia da tireóide foi defendida como uma das formas de identificação do doente. Entretanto, como nos mostra a historiografia, a tese entraria em conflito pelo microbiologista austríaco Rudolf Kraus e seus colaboradores que contestaram o "papo" como presente em todos os casos (KROPF, 2009). Ainda devemos adicionar com base no fragmento da *Careta* o que se entendia pelo termo "idiotismo". Segundo Kropf (2009, p. 207-208):

A infecção crônica seria composta também pela 'forma nervosa', derivada da localização do parasito no sistema nervoso central e causadora de perturbações motoras, de linguagem e de inteligência (como idiotia e demência), sobretudo em crianças. Junto com o comprometimento tireoidiano, tais distúrbios neurológicos assumiram grande relevo na caracterização da importância médico-social da doença como "fator importante de degeneração humana" (CHAGAS, 1910a, p.163), responsável por uma verdadeira "população de monstros" (CHAGAS, 1912a, p.10).

O terceiro momento do texto é um misto de provocação com reconhecimento da posição do "homem de ciência". Este ficaria quase sempre no anonimato em suas atividades, sem o prestígio que lhe é justo mesmo melhorando a vida da população. Chagas, então, seria esse paladino da ciência, merecedor do coração e consideração dos homens, benemérito e que mesmo assim continuava sendo um "distinto moço obscuro". Mais uma vez, notamos a reverência da figura de Chagas enquanto cientista no semanário. Os "louros" da descoberta, não só atendiam as expectativas da importância da ciência nacional, como era alimentada inclusive por Oswaldo Cruz, "que viu no feito de seu jovem discípulo oportunidade ímpar para fortalecer o projeto institucional do IOC como instituição comprometida com os interesses da sociedade brasileira" (KROPF, 2009, p. 208). Nossas fontes nos instigam a pensar qual era o tipo de imagem que deveria ser construída em torno da figura de Chagas. Ao dizer "construção" não estamos insinuando que suas ações no campo médico devam ser minimizada em prol da fabricação de um herói nacional, mas como essa construção quase mitológica observada nos primeiros anos desses periódicos busquem em sua figura uma referência e legitimação da ciência nacional. Este discurso não somente beneficiava Chagas, mas a ciência do país, o Instituto de Manguinhos e a posição do Brasil no cenário médico e científico mundial.

Para se ter uma ideia das possibilidades de uso da imagem de Chagas no período, trazemos agora uma última análise das fontes. Diferentemente de fotografias ou crônicas, o que encontramos em nossa documentação diz

respeito a uma propaganda de remédio denominada *Mercodyl*. Segundo o anúncio, o produto seria indicado para as mais variadas moléstias como sífilis, doenças da pele, anemia, úlcera, blenorragia, cancro venéreo, reumatismo sífilítico, lumbago, entre outras.

O interessante do anúncio, que ocupa quase meia página, está no diálogo dentro da propaganda, onde o nome de Carlos Chagas é citado como autoridade médica que aconselharia o produto:

- A sua ação tem sido provada?
- Milhares de pessoas atestam a eficiência do Mercodyl e os médicos mais distintos o prescrevem aos seus doentes depois de terem comprovados os resultados surpreendentes.
- É fórmula aprovada pela Saúde Pública?
- Sim, o sábio Diretor de Saúde Pública, Professor Carlos Chagas, não teve dúvidas em aprovar o Mercodyl e estou certo de que escreveu entre as suas notas particulares como medicação recomendável.
- Acha que o Diretor de Saúde Pública, Professor Carlos Chagas aceitará o Mercodyl?
- Não há duvida, sendo o Professor Carlos Chagas um clínico notável, não poderá deixar de prescrever o Mercodyl, nos casos que exigem a ação enérgica de um medicamento anti-sifilítico (CARETA, 4 set. 1920).

A utilização do nome de Carlos Chagas em uma propaganda de remédio apresenta uma estratégia da marca na vendagem do produto para o leitor da revista. Além disso, atesta a autoridade do cientista brasileiro que, nos anos de 1920, estaria no posto de Diretor Nacional de Saúde Pública, fato este mencionado duas vezes na propaganda. Como antes, a palavra "sábio" ligada ao pesquisador de Manguinhos, tem o efeito de enaltecimento pelo seu trabalho. Destaca-se também a aparição em três momentos da palavra "professor", ou seja, sendo Chagas um "professor" e "notável clínico", não parecia haver dúvidas sobre a legitimidade do produto que se queria vender ao consumidor.

A propaganda insinua ainda que o próprio Chagas "escreveu entre as suas notas particulares como medicação recomendável" e "não poderá deixar de prescrever o Mercodyl". Isto é, a tentativa de convencer o consumidor, a partir do respeito que a figura de Chagas representava no período, e que nem mesmo ele, com todas as suas qualidades reconhecidas, deixaria de prescrever o tal medicamento. O apoio na imagem de Carlos Chagas para autenticar o remédio parece ser a tônica da propaganda, sendo quase um apelo ao dizer que ele prescreveria o medicamento.

Figura 3 - Caricatura de Carlos Chagas.



Fonte: (CARETA, 19 out. 1912).

Figura 4 - Carlos Chagas.



Fonte: (ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRIA, 1 jul. 1914).

Considerações Finais

Durante este texto buscamos investigar a construção da imagem de Carlos Chagas após a descoberta do *Trypanosoma cruzi* em revistas ilustradas no Rio de Janeiro, entre os anos de 1909-1920, em especial, nos periódicos *Fon-fon*, *Careta* e *Ilustração Brasileira*. Nesse recorte cronológico foi abarcado desde os momentos iniciais de divulgação da doença, até a sua ação como Diretor Nacional de Saúde Pública nesses *magazines*. Também optamos por olharmos alguns jornais que circulavam diariamente na época, como *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias* e *O Paiz*, para trazer outros elementos contextuais debatidos na imprensa do período sobre a figura de Chagas. Estes jornais corroboraram, inclusive, para destacar a imagem do médico brasileiro.

As revistas ilustradas indicariam a figura de Chagas, em quase sua totalidade como um "sábio", referencial para a ciência brasileira e que sua descoberta estaria entre as maiores contribuições da medicina do período. Dessa forma, sua figura apareceria em crônicas, fotografias, anúncios de remédios e até em caricaturas. Sua menção foi uma forma de legitimar um produto ou saudar um intelectual do país que atingia proporções globais com o *Trypanosoma cruzi*. O prêmio Schaudinn explorado pelos *magazines* é uma das amostras do impacto de que sua imagem significaria.

Entretanto, não houve unanimidade nas fontes. A mesma *Careta* que enaltecia, também bateria de frente, anos depois, em forma de crônicas com um Carlos Chagas Diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, do qual seria combatido por suas ações caracterizadas como autoritárias no gerenciamento da saúde. Entendemos a figura de Chagas nesse momento orbitada pelos processos políticos que estariam absorvidos pelas teses sanitárias, pelo plano do Regulamento Sanitário e na representação do presidente Epitácio Pessoa. Chagas não assumiria apenas a forma do diretor

do IOC, descobridor da moléstia que levava seu nome ou cientista premiado internacionalmente pelas suas conquistas - inclusive sendo indicado para o prêmio Nobel -, mas como um agente participativo da política nacional do país e que, conseqüentemente, estaria no alvo dos críticos e partidários.

Ao final da triagem e análise, a consagração do homem de ciência, diretor de Manguinhos, premiado e referência na saúde pública teve sua figura mais apreciada e legitimada do que criticada nas revistas ilustradas. As citações em todas as fontes mostram os editoriais tratando Carlos Chagas sempre com respeito, elogios e lembrando o que ele conceberia nos "louros" colhidos pela ciência nacional e pelo Instituto Oswaldo Cruz. Uma retórica que não foge da legitimação da própria ciência nacional.

Referências

- ALMEIDA, Maria A. P. de. As epidemias nas notícias em Portugal: cólera, peste, tifo, gripe e varíola, 1854-1918. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.21, n. 2, p. 687-708, abr./jun. 2014.
- AMADO, Janáina. Região, Sertão, Nação. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.8, n.15, p. 145-151, 1995.
- ANTUNES, José L. F. *Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- BENCHIMOL, Jaime L. *Manguinhos, do sonho à vida: a ciência na belle époque*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1990.
- BENCHIMOL, Jaime L; SILVA, André F. C. da. Ferrovias, doenças e medicina tropical no Brasil da Primeira República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.3, p. 719-762, jul./-set. 2008.
- BERTUCCI, Liane M. A onipresença do medo na influenza de 1918. *Varia História*. Belo Horizonte, vol. 25, n. 42, p.457-475, jul./-dez. 2009.
- BRITO, Nara A. de: La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p. 11-30, mar./-jun, 1997.
- BRITO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1955.

BURKE, Peter. *A fabricação do rei*. A construção da imagem pública de Luis XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CARETA, 12 de agosto de 1911, Ano IV, n. 167.

CARETA, 16 de novembro de 1918, Ano XI, n. 543.

CARETA, 19 de outubro de 1912, Ano V, n. 229.

CARETA, 4 de dezembro de 1920, Ano XIII, n. 650.

CARETA, 4 de setembro de 1920, Ano XIII, n. 637.

CARETA, 6 de julho de 1912, Ano V, n. 214.

CARETA, 9 de novembro de 1918, Ano XI, n. 542.

CARRARA, Sérgio. *Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

CASER, Arthur T; SÁ, Dominichi M. de. O medo do sertão: a malária e a Comissão Rondon (1907-1915). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n. 2, p. 471-497, abr./-jun. 2011.

COHEN, Ilka S. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

CORREIO DA MANHÃ. *Boletim Científico*. 26 de abril de 1909, Ano VIII, nº 2841.

CORREIO DA MANHÃ. *Uma grande descoberta médica*. 23 de abril de 1909, Ano VIII, nº2838.

COUTINHO, Marília; FREIRE JR., Olival; DIAS, João C. P. The noble enigma: Chagas' nominations for the Nobel Prize. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz* [online], v. 94, suppl. 1, p. 123-129, 1999.

ELEUTÉRIO, Maria L. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

FERREIRA, Luiz. O. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 331-351, jul./-out. 1999.

FON-FON, 2 de novembro de 1918, Ano XII, n. 44.

FON-FON, 21 de fevereiro de 1920, Ano XIV, n. 8.

FON-FON, 28 de outubro de 1916, Ano X, n. 44.

GAZETA DE NOTÍCIAS. *Uma Nova Moléstia*. 23 de abril de 1909, Ano XXXV, nº113.

HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: As bases da política de Saúde Pública no Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, 1 de julho de 1914, Ano VI, n. 123.

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, 16 de agosto de 1911, Ano III, n. 54.

KROPF, Simone P. Carlos Chagas e os debates e controvérsias sobre a doença do Brasil (1909-1923). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, p. 205-227, jul. 2009.

KROPF, Simone P. *Doença de Chagas, doença do Brasil: ciência, saúde e nação*. Niterói, 2006. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense.

KROPF, Simone P.; AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. Doença de Chagas: a construção de um fato científico e de um problema de saúde pública no Brasil. *Ciênc. saúde coletiva* [online], v. 5, n. 2, p. 347-365, 2000.

KROPF, Simone P.; SÁ, Magali R. The discovery of *Trypanosoma cruzi* and Chagas disease (1908-1909): tropical medicine in Brazil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, supl. 1, p. 13-34, jul. 2009.

LIMA, Nísia T; HOCHMAN, Gilberto. Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país. *Ciência e Saúde Coletiva* (Impresso), Rio de Janeiro, v.5, n. 2, p. 313-332, 2000.

LIMA, Nísia T; VIEIRA, Tamara R. Pensar os sertões, pensar o Brasil. *Revista Coletiva*, v.6, 2011.

LÖWY, Ilana. *Vírus, mosquitos e modernidade: a febre amarela no Brasil entre ciência e política*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

MARTINS, Ana L. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana L.; DE LUCA, Tania R. (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu C. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: BRITO, Fátima (Org.). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002, p. 43-64.

MASSARANI, Luisa; SEIXA, Netília S. A.; CARVALHO, Vanessa B. de. A ciência nas páginas da Folha do Norte: um olhar ao longo de oito décadas. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 283-300, jul./dez. 2013.

O PAIZ, de 12 de fevereiro de 1920, Ano XXXVI, n. 12.908.

REY, Luís. Um século de experiência no controle da ancilostomíase. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.* v. 34, n.1, 2001.

SÁ, Dominichi M. de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SÁ, Dominichi M. Uma interpretação do Brasil como doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna (1917-1935). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, suppl.1, p. 183-203, 2009.

SCHWARCZ, Lilia M. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SODRÉ, Nelson W. *História da imprensa no Brasil*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999.

WELTMAN, Wanda L. A produção científica publicada pelo Instituto Oswaldo Cruz no período 1900 a 1917: um estudo exploratório. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 159-186, 2002.

